

a parecerem “normais” que têm uma probabilidade muito maior de virem a exercer influência.

É entendendo de que forma o fascismo do passado funcionava, e não checando as cores de suas camisas, ou procurando por ecos da retórica dos nacional-sindicalistas dissidentes de inícios do século xx, que nos tornaremos capazes de reconhecê-lo. Os bem-conhecidos sinais de advertência — a propaganda de nacionalismo extremado e os crimes de ódio — são importantes, mas não bastam. Sabendo o que sabemos hoje sobre o ciclo fascista, poderemos encontrar sinais de advertência ainda mais funestos em situações de impasse político diante de uma crise, em que os conservadores ameaçados procuram por aliados brutais, dispostos a abrir mão do devido processo legal e do estado de direito, tentando angariar o apoio das massas por meio de demagogia nacionalista e racista. Os fascistas se aproximam do poder quando os conservadores começam a tomar emprestado suas técnicas, apelar a “paixões mobilizadoras” e a tentar cooptar suas hostes.

Armados de conhecimento histórico, estaremos capacitados para distinguir as imitações desprezíveis, mas isoladas de hoje em dia, com suas cabeças raspadas e tatuagens de suásticas, dos autênticos equivalentes funcionais do fascismo, na forma de alianças maduras entre fascistas e conservadores. Se prevenidos, podemos nos tornar capazes de detectar a verdadeira ameaça, quando ela surgir.

8

O QUE É O FASCISMO?

Ao início deste livro, esquivei-me à tarefa de oferecer ao leitor uma definição precisa de fascismo. Eu quis deixar de lado — para fins heurísticos, pelo menos — a tradicional, embora limitante, busca pelo famoso mas tão difícil de definir “mínimo fascista”. Julguei mais promissor tomar exemplos históricos de êxitos e fracassos fascistas e observar seu funcionamento ao longo de todo seu ciclo de desenvolvimento. Mostrar os processos pelos quais surgiu, cresceu, chegou ao poder (ou não) e, uma vez no poder, radicalizou-se até atingir o “máximo fascista”, me pareceu uma estratégia mais propícia que a procura de alguma “essência” estática e limitante.

Agora que atingimos o fim dessa jornada histórica, não podemos mais fugir da necessidade de chegar a uma definição. De outra forma, correríamos o risco de escapar do nominalismo do “bestiário” apenas para cair em outro nominalismo, o dos estágios e processos. O fascismo genérico pode desaparecer em nossos esforços de esmiuçá-lo. Mas, primeiramente, algumas outras questões têm que ser levadas em conta.

Acompanha-lo ao longo de seus cinco estágios, em cada um dos quais opera de modo diferente, leva a uma pergunta complicada: qual deles é o fascismo real? Para alguns autores, geralmente os mais interessados nas expressões intelectuais do fascismo, os movimentos iniciais constituem-se no fascismo “puro”, ao passo que os regimes fascistas são corrupções, deformadas pelas conciliações necessárias à conquista e ao exercício do

poder.¹ Esses regimes, contudo, apesar de suas escolhas pragmáticas e alianças conciliatórias, tiveram mais impacto que os movimentos, por terem em mãos o poder de guerra e de morte. Uma definição que faça total justiça ao fenômeno do fascismo deve levar em conta os estágios finais, tanto quanto os iniciais.

Ao examinar esses estágios mais tardios, temos que dar aos ambientes e aos aliados do fascismo a mesma atenção dada aos próprios. Uma definição utilizável, portanto, deve também encontrar meios de não tratá-lo de forma isolada, como separado de seu ambiente e de seus cúmplices. O fascismo no poder consiste num composto, um amálgama poderoso dos ingredientes distintos, mas combináveis, do conservadorismo, do nacional-socialismo e da direita radical, unidos por inimigos em comum e pela mesma paixão pela regeneração, energização e purificação da Nação, qualquer que seja o preço a ser pago em termos das instituições livres e do estado de direito. As proporções exatas dessa mistura resultam de processos tais como escolhas, alianças, compromissos e rivalidades. O fascismo em ação se assemelha muito mais a uma rede de relações que a uma essência fixa.

INTERPRETAÇÕES CONFLITANTES

Agora que já o vimos em ação ao longo da totalidade de seu ciclo, estamos mais bem preparados para avaliar as muitas interpretações propostas desde então. As “primeiras tomadas”, mencionadas por mim no capítulo 1 – imagens que retratavam os nazistas como rufiões no poder e agentes do capitalismo³ – nunca perderam seu fascínio. O autor teatral alemão Bertold Brecht chegou mesmo a combiná-las em seu personagem Arturo Ui, um

1. Por exemplo, Zeev Sternhell, *Neither Left nor Right: Fascist Ideology in France*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1986, p. 270.

2. Wolfgang Schieder caracteriza o Partido Fascista dos primeiros anos como “um amontoado indefinido de grupos de poder centrados em indivíduos brigando pelo poder”, em “Der Strukturwandel der fascistischen Partei italiens in der phase der Herrschaftsstabilisierung”, em Schieder, ed., *Der Faschismus als soziale Bewegung*. Hamburgo: Hoffman und Campe, 1976, p. 71.

3. Ver capítulo 1, p. 20-23.

gângster de Chicago que chega ao poder pela venda de proteção a quitandeiros.⁴

Essas “primeiras tomadas”, contudo, têm falhas graves. Se o fascismo e sua agressividade não passam de ações perversas de meliantes que chegaram ao poder numa época de decadência moral, não saberíamos explicar por que razão isso veio a acontecer num determinado lugar, e numa determinada época, e não em outros, e de que forma esses acontecimentos se relacionariam a uma história anterior. Foi difícil para liberais como Croce e Meinecke perceber que boa parte das oportunidades abertas ao fascismo devia-se à aridez e à estreiteza do próprio liberalismo, ou que alguns liberais amedrontados o haviam ajudado a chegar ao poder. Suas versões nos deixam com explicações que se resumem ao mero acaso e às proezas individuais de delinquentes.

Ver o fascismo simplesmente como um instrumento do capitalismo nos leva a equívocos de dois tipos. A fórmula estreita e rígida que se converteu em ortodoxia na Terceira Internacional de Stálin⁵ negava as raízes autônomas do fascismo e a autenticidade do fascínio que ele exercia sobre as multidões.⁶ E o que é ainda pior, ela ignorava a escolha humana, na medida em que transformava o fascismo no resultado inevitável de alguma crise insuperável de superprodução capitalista. O trabalho empírico mais minucioso mostrou que, muito pelo contrário, os verdadeiros capitalistas, mesmo quando rejeitavam a democracia, em geral preferiam os autoritários aos

4. Bertolt Brecht. *The Resistable Rise of Arturo Ui*. Londres: Methuen, 2002, (orig. pub. em 1941).

5. Ver capítulo 1, p. 21-23.

6. Alguns marxistas cuidadosos evitaram tais dogmatismos, entre eles os italianos Antonio Gramsci, com suas reflexões acerca das condições e dos limites da hegemonia cultural do fascismo, e Palmiro Togliatti, *Lectures on Fascism*. Nova York: International Publishers, 1976 (orig. pub. em 1935), que reconhece a autenticidade de seu apelo popular nas p. 5-7, 120; ainda que ambos tenham visto o fascismo como um fenômeno especificamente de classe, mais do que a maioria dos comentaristas contemporâneos. Entre os alemães, havia o filósofo Ernst Bloch (p. 209). Depois de 1968, os marxistas ocidentais mais jovens assumiram posição mais crítica perante a linha stalinista. Por exemplo, Nikos Poulantzas, *Fascism and Dictatorship*. Londres: Verso, 1979 (orig. pub. na França em 1970).

fascistas.⁷ É bem verdade que sempre que estes últimos chegaram ao poder, os capitalistas, em sua grande maioria, se adaptavam a ele como a melhor solução não-socialista então disponível. Tivemos ocasião de ver como até mesmo a I. G. Farben, o gigantesco conglomerado químico alemão, cuja ascensão ao nível de maior empresa européia deveu-se ao comércio global, encontrou maneiras de se adaptar à autarquia direcionada ao rearmamento e de voltar a prosperar vigorosamente.⁸ As relações de acomodação, de “corpo mole” e de vantagens mútuas que ligavam a comunidade empresarial aos regimes fascistas, aparecem como uma outra questão complexa que variou ao longo do tempo. Não há dúvida que as vantagens mútuas de fato existiam. O capitalismo e o fascismo tornaram-se aliados práticos (embora não inevitáveis, e nem sempre confortáveis).

Quanto a interpretação oposta, que retrata a comunidade empresarial como vítima do fascismo,⁹ ela leva demasiadamente a sério as fricções dos escalões médios, endêmicas em relações desse tipo, e também às tentativas dos empresários de se eximir de culpa, após o término da guerra. Aqui, também, precisamos de um modelo explicativo mais sutil, que abra espaço para o jogo entre o conflito e a acomodação.

Não demorou muito para que outras interpretações viessem a se juntar a essas “primeiras tomadas”. O caráter obviamente obsessivo de alguns fascistas clamava por psicanálise. Mussolini parecia comum demais, com sua impostação vaidosa, sua fama de mulherengo, sua minuciosidade compulsiva, sua habilidade para manobras de curto prazo e, ao final, sua incapacidade de perceber o quadro geral. Com Hitler era diferente. Seriam suas cenas de *Teppischfresser* (“comedor de tapete”) encenações premedi-

7. Ver capítulo 3, p. 117-121; capítulo 4, p. 185-186; e capítulo 5, p. 243-246.

8. Ver capítulo 5, p. 245-246.

9. Carl J. Friedrich e Zbigniew Brzezinski, *Totalitarian Dictatorship and Autocracy*. Nova York: Praeger, 1965, p. 238, afirmam que a Alemanha nazista “deixa de ser capitalista” quando o medo entra no lugar da confiança. A “incompatibilidade fundamental” entre capitalismo e fascismo (Alan Milward, citado com aprovação por Payne, *A History of Fascism*, p. 190) talvez possa se aplicar ao paroxismo apocalíptico final do nazismo, mas não é bem adequado ao funcionamento dos regimes fascistas em épocas mais normais.

tadas ou sinais de insanidade?¹⁰ Sua megalomania, sua hipocondria, seu narcisismo e sua índole vingativa eram contrabalançados por uma mente rápida e retentiva, pela capacidade de ser encantador quando assim o desejava, e por uma notável inteligência tática. Todas as tentativas de psicanalisá-lo¹¹ foram prejudicadas pela inacessibilidade do objeto, e também pela pergunta nunca respondida de por que razão, se alguns líderes fascistas eram de fato loucos, seu público os adorava, e de como eles conseguiram exercer suas funções eficazmente por tanto tempo. Seja como for, a biografia mais recente e de maior peso intelectual sobre Hitler conclui, com razão, que temos que nos ater menos às excentricidades do *Führer* que ao papel projetado sobre ele pelo povo alemão, papel este que desempenhou com sucesso quase que até o fim.¹²

Talvez sejam os públicos fascistas, e não seus líderes, que precisam ser psicanalisados. Já em 1933, o freudiano dissidente Wilhelm Reich concluiu que a violenta fraternidade masculina característica dos estágios iniciais do fascismo era produto de repressão sexual.¹³ Essa teoria é fácil de ser contestada com a observação de que a repressão sexual, provavelmente, não era maior na Alemanha e na Itália que, digamos, na Grã-Bretanha, na geração em que esses líderes e seus seguidores atingiram a idade adulta.¹⁴ Essa objeção também se aplica a outras explicações psico-históricas do fascismo.

10. Ernst von Weizsäcker, oficial de alto escalão do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, lembra de ter visto Hitler tratar o embaixador britânico Neville Henderson com uma furiosa “tirada”, em 23 de agosto de 1939, para depois bater em sua própria coxa e rir, assim que a porta se fechou atrás do embaixador: “Chamberlain não sobreviverá a essa conversa. Seu gabinete cairá esta noite”. Alan Bullock, *Hitler: A Study in Tyranny*. Londres: Odhams, 1952, p. 484. Kershaw, *Hitler 1889-1936: Hubris*. Nova York: Norton, 1998, p. 281, concorda que cenas como essa eram “produzidas com frequência”. Diz-se que Richard Nixon queria que os vietnamitas do norte pensassem que ele era louco.

11. Ver exemplos no Ensaio Bibliográfico, p. 370-371.

12. Kershaw, *Hitler: Hubris*, p. xxvi ss.

13. Wilhelm Reich, *The Mass Psychology of Fascism*, ed. Mary Higgins e Chester M. Raphael. Nova York: Farrar, Straus, Giroux, 1978 (orig. pub. em 1933).

14. Ver o Ensaio Bibliográfico, p. 374-376, para exemplos.

As explicações do fascismo como uma espécie de psicose aparecem, numa outra forma, em filmes que exploram o fascínio lascivo pelas supostas perversões sexuais fascistas.¹⁵ Esses grandes sucessos de bilheteria dificultam ainda mais a compreensão de que esses regimes funcionaram porque um grande número de pessoas comuns se adaptaram a eles na rotina de sua vida cotidiana.¹⁶

O sociólogo Talcott Parsons, já em 1942, sugeria que o fascismo havia surgido do desenraizamento e das tensões provocadas por um desenvolvimento econômico e social desigual – uma versão precoce do problema fascismo/modernização. Parsons afirmava que, em países que se industrializaram de maneira rápida e tardia, como a Alemanha e a Itália, as tensões de classe eram particularmente agudas, e as soluções de compromisso eram bloqueadas pelas elites pré-industriais sobreviventes.¹⁷ Essa interpretação tem o mérito de tratar o fascismo como um sistema e como produto da história, da mesma forma que a interpretação marxista, embora sem o determinismo, a estreiteza e o frágil embasamento teórico desta última.

O filósofo Ernst Bloch, um marxista tornado heterodoxo por seu interesse pelo irracional e pela religião, chegou, por caminho próprio, a uma outra teoria de “não contemporaneidade” (*Ungleichzeitigkeit*). Contemplando o êxito que os nazistas alcançaram com seus arcaicos e violentos “sonhos vermelhos” de sangue, solo e de um paraíso pré-capitalista, totalmente in-

15. Por exemplo, Luchino Visconti, *Os deuses malditos*. Para Pasolini, ver David Forgacs, “Days of Sodom: The Fascist-Perversion Equation in Films of the 1960s and 1970s”, em R. J. B. Bosworth e Patrizia Dogliani, eds., *Italian Fascism: History, Memory, and Representation*. Nova York: St. Martin’s Press, 1999, p. 195-215. Em um registro um tanto diferente, Saul Friedlander critica o tratamento da brutalidade nazista como espetáculo em *Reflections of Nazism: An Essay on Kitsch and Death*. Nova York: Harper, 1984.

16. Robert Jay Lifton, *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*. Nova York: Basic Books, 1986, investiga a inacreditável capacidade dos médicos envolvidos no processo de seleção em Auschwitz de isolar suas vidas familiares normais de seus repugnantes deveres diários.

17. Talcott Parsons, “Democracy and Social Structure in Pre-Nazi Germany”, em Parsons, *Essays in Sociological Theory*, ed. rev. Glencoe, IL: Free Press, 1954, p. 104-23 (orig. pub. em 1942). Para uma visão geral, ver Stephen P. Turner, *Sociology Responds to Fascism*. Londres: Routledge, 1992.

compatíveis com aquilo que ele via como a verdadeira lealdade do partido, as grandes empresas capitalistas, entendeu que valores vestigiais ainda vicejavam muito depois de terem perdido qualquer correspondência com a realidade econômica e social. “Nem todas as pessoas existem no mesmo Agora”. Os marxistas ortodoxos, pensava, haviam perdido o barco por terem “barrado a alma com um cordão de isolamento”.¹⁸ O desenvolvimento desigual continua a despertar interesse como ingrediente das crises pré-fascistas,¹⁹ mas os argumentos a seu favor são enfraquecidos pela notória economia “dual” da França, na qual um poderoso setor camponês/artesão coexistia com uma indústria moderna, sem que o fascismo tenha chegado ao poder, exceto sob a ocupação nazista.²⁰

Um outro enfoque sociológico afirmava que o nivelamento urbano e industrial ocorrido a partir de fins do século XIX havia produzido uma sociedade de massas atomizada, na qual os fornecedores de ódios simplistas encontravam audiências prontas, que já não eram refreadas nem pela tradição nem pela comunidade.²¹ Hannah Arendt trabalhou nesse paradigma em sua análise de como as massas desenraizadas, desligadas de quaisquer vínculos sociais, intelectuais ou morais, e inebriadas por paixões anti-semi-

18. Ernst Bloch, *Heritage of Our Times*, trad. Neville e Stephan Plaice. Cambridge: Polity Press, 1991, parte II, “Non-Contemporaneity and Intoxication”, p. 37-185 (citações nas p. 53, 57, 97).

19. A teoria do desenvolvimento desigual e da sobrevivência das elites pré-industriais foi reafirmada de maneira poderosa por Jürgen Kocha, “Ursachen des Nationalsozialismus”, *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Beilage zur Wochenzeitung *Das Parlament*, 21, p. 3-15, jun. 1980). Ver a resposta de Geoff Eley, “What Produces Fascism: Preindustrial Traditions or a Crisis of the Capitalist State?” *Politics and History*, v. 12, p. 53-82, 1983.

20. Ver a discussão no capítulo 3, p. 121-129.

21. A declaração clássica é William Kornhauser, *The Politics of Mass Society*. Glencoe, IL: Free Press, 1959. Um precursor foi Peter Drucker, em *The End of Economic Man: A Study of the New Totalitarianism*. Londres: John Day, 1939, p. 53: “A sociedade deixa de ser uma comunidade de indivíduos reunidos por um propósito em comum e se torna um tumulto caótico de mônadas isoladas sem finalidade”. Essa abordagem foi refutada de maneira convincente por Bernt Hagtvet, “The Theory of Mass Society and the Collapse of the Weimar Republic: A Re-Examination”, em Stein U. Larsen, Bernt Hagtvet e Jan Petter Myklebust, eds., *Who Were the Fascists: Social Roots of European Fascism*. Oslo: Universitetsforlaget, 1980, p. 66-117.

tas e imperiais, tornaram possível o surgimento de uma forma de ditadura plebiscitária de base popular e poderes ilimitados, que não tinha precedentes na história.²²

Os melhores trabalhos teóricos sobre a modo pelo qual o fascismo lançou raízes, contudo, dão pouco apoio a essa abordagem. A sociedade da Alemanha de Weimar, por exemplo, era ricamente estruturada, e o recrutamento nazista operava por meio da mobilização de organizações inteiras, por apelos dirigidos a interesses específicos.²³ Como se costumava dizer, “dois alemães, uma discussão; três alemães, um clube”. O fato de que os clubes alemães de todas as naturezas, do canto coral aos seguros funerários, já se encontravam segregados em redes separadas de socialistas e não-socialistas facilitou a exclusão dos socialistas e a encampação dos demais pelos nazistas, quando a Alemanha se tornou profundamente polarizada, em inícios da década de 1930.²⁴

Uma corrente de pensamento influente vê o fascismo como uma ditadura desenvolvimentista, estabelecida com o propósito de acelerar o crescimento industrial pela poupança forçada e pela arregimentação da força de trabalho. Os proponentes dessa interpretação tinham em mente, sobretudo, o caso italiano.²⁵ É possível afirmar também que a Alemanha, embora já àquela época um gigante industrial, tinha a urgente necessidade de disciplinar seu povo para a imensa tarefa da reconstrução, após a derrota de 1918. Essa interpretação comete um erro grave, contudo, ao supor que o

22. Hannah Arendt, *The Origins of Totalitarianism*, ed. rev. Nova York: Meridian Books, 1958, esp. p. 305-40 sobre “as massas” e “a turba”.

23. Horst Gies mostra como os nazistas penetraram e se utilizaram das organizações agrárias existentes, em “The NSDAP and Agrarian Organizations in the Final Phase of the Weimar Republic”, em Henry Ashby Turner Jr., *Nazism and the Third Reich*. Nova York: Quadrangle, 1972, p. 45-88. De especial relevância aqui são os estudos de Rudy Koshar, citados no Ensaio Bibliográfico, p. 225, sobre como os nazistas assumiram o controle de uma rica teia de associações “apolíticas” em cidades alemãs.

24. William Sheridan Allen, *The Nazi Seizure of Power: The Experience of a Single Town, 1922-1945*, ed. rev. Nova York: Franklin Watts, 1984, p. 17. Allen é especialmente revelador no que se trata dos mundos paralelos das organizações socialistas e não socialistas, e de como os nazistas exploraram essa polaridade. Ver p. 15, 55, 298.

25. Ver capítulo 1, nota 48.

fascismo perseguia algum tipo de objetivo racional. O que Hitler queria era submeter a economia para fazê-la servir a fins políticos. Mesmo no caso de Mussolini, quando ele supervalorizou a lira em 1926, e quando, após 1935, optou pelos riscos da guerra expansionista, preterindo um desenvolvimento econômico sustentado, o prestígio contou muito mais que a racionalidade econômica. Se o fascismo italiano pretendia ser uma ditadura desenvolvimentista, ele falhou nessa meta. Embora a economia italiana tenha crescido na década de 1920, sob Mussolini, cresceu num ritmo significativamente mais rápido antes de 1914 e depois de 1945.²⁶ De uma forma genuinamente aberrante, a teoria do fascismo como ditadura desenvolvimentista serve para rotular de “fascistas” todos os tipos de autocracias do Terceiro Mundo, mesmo que elas não contem com um mínimo de mobilização popular e não derivem da crise de uma democracia anterior.²⁷

Também foi tentador interpretar o fascismo quanto a sua composição social. O sociólogo Seymour Martin Lipset sistematizou, em 1963, a generalizada opinião de que este é uma expressão dos ressentimentos da classe média inferior. Na formulação de Lipset, ele é um “extremismo do centro”, que tem como base o rancor dos antes independentes pequenos comerciantes, artesãos, camponeses e outros integrantes das “antigas” classes médias, que então se viam comprimidos entre os trabalhadores industriais e os grandes empresários, ambos mais bem organizados, e que vinham saindo como perdedores nas rápidas mudanças sociais e econômicas dessa época.²⁸ Pesquisas empíricas recentes, no entanto, põem em dúvida a tese de

26. Jon S. Cohen, “Was Italian Fascism a Developmental Dictatorship?” *Economic History Review*, 2ª série, v. 41, p. 1, p. 95-113, fev. 1988 Rolf Petri, *Von der Autarkie zum Wirtschaftswunder: Wirtschaftspolitik und industrielle Wandel in Italien, 1935-1963*. Tübingen: Max Niemeyer, 2001, concorda que a economia de guerra do fascismo foi um “desastre”, mas acha impossível dizer se o crescimento da Itália como sociedade industrial nos anos 1960 foi retardado ou acelerado pelo estágio autárquico fascista.

27. Por exemplo, Anthony J. Joes, *Fascism in the Contemporary World: Ideology, Evolution, and Resurgence*. Boulder, CO: Westview Press, 1978; A. James Gregor, *The Fascist Persuasion in Radical Politics*. Princeton: Princeton University Press, 1974.

28. Seymour Martin Lipset, *Political Man*. Garden City, NY: Doubleday, 1963, cap. 5, “Fascism-Left, Right, and Center”. Arno Mayer, “The Lower Middle Class as Historical Problem”, *Journal of Modern History*, v. 75, n. 3, p. 409-36, out. de 1975, leva a sério as questões de classe, mas examina essa categoria de forma crítica.

que o recrutamento fascista se localizasse numa camada social específica, mostrando a multiplicidade do apoio social dado ao fascismo e seu relativo êxito na criação de um movimento composto, abrangendo todas as classes.²⁹ Por ter os olhos grudados nos estágios iniciais, Lipset também não levou em conta o papel desempenhado pelo *establishment* na aquisição e no exercício do poder pelo fascismo.

A notória instabilidade dos quadros partidários também contribuiu para derrubar essa interpretação simplista de composição social. Antes de o fascismo chegar ao poder, suas listas de filiados se alteravam rapidamente, à medida que ondas sucessivas de descontentes heterogêneos reagiam à sorte e às mensagens flutuantes do partido.³⁰ Após a chegada ao poder, essa filiação cresceu enormemente, passando a incluir praticamente todos os que queriam tirar vantagens do sucesso fascista.³¹ Tampouco devemos esquecer o problema de onde situar os muitos jovens recrutados que se encontravam então desempregados, socialmente desenraizados ou em situação que de alguma outra forma os situava “entre classes”.³² Nenhuma

29. Para obras estatísticas sobre o caso alemão, atualmente bastante sofisticadas, ver o Ensaio Bibliográfico, p. 376-379. Os dados italianos, muito mais duvidosos, são estudados por Jens Petersen, “Ellettorato e base sociale del fascismo negli anni venti”, *Studi Storici*, v. 3, p. 627-69, 1975. William Brustein, “The ‘Red Menace’ and the Rise of Italian Fascism”, *American Sociological Review*, v. 56, p. 652-64, out. 1991, aplica a teoria da escolha racional à eleição de 1921, e descobre que os eleitores fascistas escolheram aquele partido não apenas por medo do socialismo, mas porque preferiam a defesa da propriedade privada feita pelos fascistas.

30. Hans Mommsen, em “Zur Verschränkung traditioneller und faschistischer Führungsgruppen in Deutschland beim Übergang von der Bewegung zur Systemphase”, em Mommsen, *Der Nationalsozialismus und die Deutsche Gesellschaft: Ausgewählte Aufsätze*, ed. Lutz Niethammer e Bernd Weisbrod. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1991, p. 47, afirma que, antes de setembro de 1930, cerca de apenas 40% dos eleitores do partido eram relativamente permanentes.

31. Philippe C. Schmitter contrasta os movimentos que “sugam” os insatisfeitos de uma grande variedade de fontes com os regimes que atraem “oportunistas” em seu penetrante artigo “The Social Origins, Economic Bases, and Political Imperatives of Authoritarian Rule in Portugal”, em Stein U. Larsen et al. *Who Were the Fascists*, p. 437.

32. Mathilde Jamin, *Zwischen den Klassen: Zur Sozialstruktur der SA-Führerschaft*. Wuppertal: P. Hammer, 1984; Detlev Peukert, *The Weimar Republic: The Crisis of Classical Modernity*, p. 238, 255; Christoph Schmidt, “Zu den motiven ‘alter Kämpfer’ in der NSDAP”,

explicação social coerente do fascismo pode ser construída com base em material tão flutuante.

Uma multidão de observadores vê o fascismo como uma subespécie do totalitarismo. Giovanni Amendola, líder da oposição parlamentar, e uma de suas vítimas mais notáveis (ele morreu em 1926, após ser espancado por fascistas), cunhou o adjetivo *totalitario*, em um artigo de maio de 1923 denunciando as tentativas fascistas de monopolizar os cargos públicos. Outros adversários de Mussolini não demoraram a ampliar o termo para significar uma condenação das aspirações fascistas de controle total. Como às vezes acontece com os epítetos, Mussolini assumiu a este e usou-o de forma triunfal.³³

Levando em conta a frequência com que Mussolini se jactava de seu totalitarismo, é irônico que alguns dos principais teóricos do totalitarismo do pós-guerra excluam o fascismo italiano de sua tipologia.³⁴ Temos que admitir que o regime de Mussolini, ansioso como era por “normalizar” suas relações com uma sociedade onde a família, a Igreja, a monarquia e o chefe político da aldeia ainda possuíam um sólido poder, não conseguia atingir esse controle total. Mesmo assim, o fascismo arregimentou italianos de maneira mais firme que qualquer regime anterior ou posterior.³⁵ Mas nenhum deles, nem mesmo o de Hitler ou de Stálin, conseguiu controlar resquícios de resistência sobre privacidade ou de autonomia individual ou de grupo.³⁶

em Detlev Peukert e Jürgen Reulecke, eds., *Die Reihe fast geschlossen: Beiträge zur Geschichte des Alltags unterm Nationalsozialismus*. Wuppertal: Peter Hammer, 1981.

33. Jens Petersen explorou aprofundadamente as origens do termo em várias obras, das quais a mais recente é “Die Geschichte des Totalitarismusbegriffs in Italien”, em Hans Meier, ed., *‘Totalitarismus’ und ‘Politische Religionen’: Konzepte des Diktaturvergleichs*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1996, p. 15-36. Em inglês, ver Abbott Gleason, *Totalitarianism: The Inner History of the Cold War*. Nova York: Oxford University Press, 1995, p. 4-16.

34. Por exemplo, Arendt, *Origins*, p. 257-9, 308.

35. Dante L. Germino, *The Italian Fascist Party in Power: A Study in Totalitarian Rule*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1959, e Emilio Gentile, *La via italiana al totalitarismo: Il partito e lo stato nel regime fascista*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1995, são os que afirmam com mais força a natureza autenticamente totalitária do regime fascista na Itália.

36. Edward N. Peterson, *The Limits of Hitler's Power*. Princeton: Princeton University Press, 1969. Para uma abordagem sobre a União Soviética que se recusa a reduzir tudo

Os teóricos do totalitarismo da década de 1950 acreditavam que Hitler e Stálin eram os que se encaixavam de maneira mais exata em seu modelo. Tanto a Alemanha nazista quanto a Rússia soviética, segundo os critérios desenvolvidos por em 1956 por Carl Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski, eram governadas por partidos únicos, empregavam uma ideologia oficial, usavam um controle policial terrorista e tinham o monopólio do poder sobre todos os meios de comunicação, sobre as forças armadas e sobre a organização econômica.³⁷ Durante os rebeldes anos 1960, uma nova geração acusou os teóricos do totalitarismo de estarem servindo aos interesses da guerra-fria, transferindo o antinazismo patriótico da Segunda Guerra Mundial para o novo inimigo comunista.³⁸

Embora o uso acadêmico do termo totalitarismo tenha declinado por algum tempo nos Estados Unidos, o paradigma totalitário continuou importante para os estudiosos europeus, particularmente na Alemanha Ocidental, que queriam afirmar, em contraposição aos marxistas, que o mais importante com relação a Hitler havia sido a destruição da liberdade, e não sua relação com o capitalismo.³⁹ Em fins do século xx, após a queda da União Soviética ter suscitado a intensificação dos estudos sobre suas mazelas e sobre a cegueira de muitos intelectuais ocidentais, que se recusavam a

a impulsos vindos de cima, ver Sheila Fitzpatrick, *Everyday Stalinism*. Nova York: Oxford University Press, 1999, e *Stalin's Peasants*. Nova York: Oxford University Press, 1994.

37. Friedrich e Brzezinski, *Totalitarian Dictatorship*, p. 22.

38. Benjamin R. Barber, "The Conceptual Foundations of Totalitarianism", em Carl J. Friedrich, Michael Curtis e Benjamin R. Barber, *Totalitarianism in Perspective: Three Views*. Nova York: Praeger, 1969.

39. Karl Dietrich Bracher, por exemplo, preferia o conceito de totalitarismo ao de fascismo, porque acreditava que esse último obscurecia a diferença entre os sistemas políticos ditatoriais e democráticos, que, para os marxistas, eram apenas formas alternadas de "hegemonia burguesa". Ver Bracher. *Zeitgeschichtliche Kontroversen: Um Faschismus, Totalitarismus, Demokratie* Munique: R. Piper, 1976, caps. 1 e 2, *Schlüsselwörter in der Geschichte: Mit einer Betrachtung zum Totalitarismusproblem*. Düsseldorf: Droste, 1978, p. 33 ss., *Zeit der Ideologien: Eine Geschichte politischen Denkens im 20. Jahrhundert*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1982, p. 122 ss., 155ss. Um exemplo da posição oposta, vindo da Alemanha Ocidental, é Reinhard Kühnl, *Formen bürgerlicher Herrschaft*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1971.

admiti-las, o modelo totalitário voltou à moda, juntamente com o seu corolário de que o nazismo e o comunismo representavam um mesmo mal.⁴⁰

A interpretação totalitária do fascismo, portanto, foi tão acaloradamente politizada quanto a do marxismo.⁴¹ Mesmo assim, deve ser debatida em termos de seus próprios méritos, e não com base em sua arregimentação por um campo político ou por outro. Ela se propõe a estudar o nazismo (e também o stalinismo) enfocando a aspiração de ambos ao controle total e os instrumentos usados por eles nas tentativas de colocar em prática esse controle. Não resta dúvida de que os mecanismos de controle nazistas e comunistas tinham muitos pontos de semelhança. Esperar por batidas à porta no meio da madrugada e apodrecer num campo de concentração devem ter parecido muito semelhantes às vítimas de ambos os sistemas (com a exceção dos judeus e ciganos, é claro).⁴² Em ambos os regimes, a lei estava subordinada aos imperativos mais "altos" da raça ou da classe. Concentrar o foco nas técnicas de controle, contudo, pode fazer com que diferenças importantes sejam obscurecidas.

Embora, para as vítimas, não fizesse muita diferença entre morrer de tifo, de subnutrição, de exaustão ou num interrogatório brutal num dos campos de Stálin na Sibéria, ou, digamos, na pedreira de Mauthausen, de Hitler, o regime de Stálin diferia profundamente do de Hitler em termos de dinâmica social e também de seus objetivos. Stálin governava uma sociedade civil que havia sido radicalmente simplificada pela Revolução Bolchevique e, portanto, não tinha que se preocupar com concentrações autônomas de poder herdado, fosse este de natureza social ou econômica. Hitler (de maneira totalmente diferente de Stálin), chegou ao poder contando

40. É esse o modelo que informa a brilhante acusação de Michael Burleigh sobre a violência do nazismo, em *The Third Reich*. Nova York: Hill and Wang, 2000. Martin Malia, *Russia under Western Eyes*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999, p. 331, descarta o fascismo como categoria.

41. Gleason, *Totalitarianism*, faz uma lúcida recapitulação de todo o debate.

42. Margaretta Buber-Neumann experimentou ambos, e escreveu um clássico livro de memórias sobre isso: *Under Two Dictators*. Nova York: Doubleday, 1949. É claro que, aqui, falamos de campos de concentração como Dachau, e não de campos de extermínio como Auschwitz.

com o assentimento e até mesmo com o auxílio das elites tradicionais, e governou em associação eficaz, embora tensa com elas. Na Alemanha nazista, o partido competia pelo poder com a burocracia estatal, com os proprietários industriais e agrários, com as igrejas e outras elites tradicionais. A teoria totalitária é cega para essa característica fundamental do sistema de governo nazista, tendendo assim a reforçar as afirmativas posteriores das elites de que Hitler havia tentado destruí-las (como, de fato, o cataclismo final da guerra perdida o fez).

O hitlerismo e o stalinismo também diferiam profundamente em termos de seus objetivos últimos declarados – para um, a supremacia da raça-mestra; para o outro, a igualdade universal, embora as notórias e bárbaras perversões de Stálin tendessem a fazer com que seu regime convergisse com o de Hitler, em termos dos instrumentos homicidas utilizados por ele. Colocando seu foco na autoridade central, o paradigma totalitário ignora o furor assassino que fervia a partir das bases do fascismo.

Ver tanto a Hitler quanto a Stálin como totalitários e tratá-los da mesma forma leva a um exercício de julgamento moral comparativo: qual dos dois monstros foi mais monstruoso? ⁴³ Seriam as duas formas stalinistas de assassinato em massa – experimentos econômicos temerários e perseguição paranóica de “inimigos” – moralmente equivalentes às tentativas de Hitler de purificar a nação pelo extermínio dos medos e geneticamente impuros? ⁴⁴

43. Stéphane Courtois et al. *The Black Book of Communism*. Trad. do francês por Jonathan Murphy e Mark Kramer. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999, p. 15, argumenta que Stálin foi responsável por um número de mortes quatro vezes maior do que as ocasionadas por Hitler, apesar de negar a pretensão de estabelecer uma “hierarquia de crueldade” a partir de um “sistema comparativo macabro”.

44. Além dos judeus, estavam entre os candidatos para a eliminação os eslavos, os ciganos, os loucos ou doentes crônicos e as Testemunhas de Jeová. Muitos incluem os homossexuais nessa lista, mas embora o regime nazista tenha vigorosamente feito cumprir o Artigo 175 do código penal alemão, e tenha prendido milhares de homossexuais, ele não os executava de maneira sistemática. O próprio Hitler, apesar de ter justificado o assassinato de Ernst Röhm, em junho de 1934, como uma ação contra a homossexualidade, tinha, em tempos mais remotos, se recusado a censurar o notório estilo de vida de Röhm. Kershaw, *Hitler: Hubris*, p. 348.

O argumento mais forte a favor dessa equação do terror de Stálin com o de Hitler é a grande fome de 1931, que, ao que se conta, afetou principalmente os ucranianos, consistindo portanto em genocídio. Essa fome, embora resultando de negligência criminosa, afetou os russos de forma igualmente grave. ⁴⁵ Os adversários notavam diferenças fundamentais. Stálin matava de maneira totalmente arbitrária a todos que sua mente paranóica decidisse ver como “inimigos de classe” (condição essa passível de mudança), de modo que atingia, basicamente, os homens adultos da população. Hitler, ao contrário, matava “inimigos raciais”, uma condição irremediável que condena até mesmo recém-nascidos. Ele queria exterminar povos inteiros, incluindo suas sepulturas e seus artefatos culturais. Este livro reconhece que ambas as formas de terror são repugnantes, mas condena com maior vigor o extermínio biologicamente racista do nazismo, porque este não admitia possibilidade de salvação, nem mesmo para mulheres e crianças. ⁴⁶

Uma crítica mais pragmática do modelo totalitário queixa-se de que sua imagem de um mecanismo eficiente e de alcance total nos impede de perceber a natureza caótica do poder de Hitler, que reduziu o governo a feudos pessoais, incapazes de discutir alternativas políticas e escolher entre elas de forma racional. ⁴⁷ Mussolini, embora assumindo pessoalmente vários ministérios, mas incapaz de impor prioridades organizadas em qual-

45. Até mesmo o *Black Book*, p. 168, revê com ceticismo as acusações de genocídio apresentadas por alguns historiadores ucranianos.

46. Alan Bullock se recusa a igualar os dois tipos de assassinatos em *Hitler and Stalin: Parallel Lives*. Londres: HarperCollins, 1991: “Não houve em lugar nenhum uma contraparte [soviética] do Holocausto, em que o assassinato em massa se tornava não um instrumento mas um fim em si mesmo” (p. 974).

47. Hans Mommsen critica nesses termos as teorias do totalitarismo, de forma ácida em “The Concept of Totalitarianism versus the Comparative Theory of Fascism”, em E. A. Menze, ed., *Totalitarianism Reconsidered*. Port Washington, NY: Kennikat Press, 1981, p. 146-66, e em tom mais sereno em “Leistungen und Grenzen des Totalitarismus-Theorems: Die Anwendung auf die nationalsozialistische Diktatur”, em Meier, ed., “Totalitarismus” und “Politische Religionen”, p. 291-300. A mudança reflete a forma como se acalmaram os conflitos acadêmicos na Alemanha, depois das tensões extremas dos anos 1970.

quer um deles, não obteve melhores resultados. A imagem totalitária pode evocar de forma poderosa os sonhos e as aspirações dos ditadores, mas, na verdade, prejudica o exame da questão de importância mais vital, ou seja, com que eficiência os regimes fascistas conseguiam se encaixar nas sociedades, em parte submissas e em parte recalcitrantes, governadas por eles.

O conceito mais antigo de religião política, que data da Revolução Francesa, logo veio a ser aplicado ao fascismo, e também ao comunismo, e não apenas por seus inimigos.⁴⁸ No nível de uma analogia ampla, ele é útil por apontar a maneira pela qual o fascismo, de maneira semelhante à religião, mobilizava os fiéis em torno de ritos e palavras sagradas, estimulava-os até o ponto do fervor abnegado e pregava uma verdade que não admitia dissidência. Examinado com mais cuidado,⁴⁹ o conceito de religião política abrange uma série de questões de natureza diversa. A mais direta delas trata dos muitos elementos que o fascismo toma emprestado da cultura religiosa da sociedade na qual tenta penetrar. Esse tema, com seu foco em mecanismos, nos diz mais sobre os estágios do enraizamento e do exercício do poder do que sobre a tomada de fato desse poder.

Um outro elemento do conceito de religião política é o argumento funcional mais complexo de que o fascismo vem preencher o vazio criado pela secularização da sociedade e da moral.⁵⁰ Se o objetivo dessa abordagem é o de ajudar a explicar por que razão o fascismo teve êxito em alguns países cristãos e não em outros, ela exige que acreditemos que a “crise ontológica” de inícios do século xx era mais severa na Alemanha e na Itália que na França e na Grã-Bretanha, tese que talvez seja difícil provar.

48. O próprio Hitler falava, já em 1926, de “nossa religião”. Philippe Burrin, “Political Religion: The Relevance of a Concept”, *History and Memory*, v. 9, n. 1 e 2, p. 333, outono de 1997.

49. Burrin, “Political Religion”, oferece, de longe, a análise mais completa e bem pensada. Emilio Gentile, “Fascism as a Political Religion”, *Journal of Contemporary History*, p. 190, n. 25, p. 321-52, e Michael Burleigh, *The Third Reich*, p. 5, 9-14 e 252-5, defendem o conceito (Burleigh cita muitas obras sobre esse assunto na p. 816, n. 22). Ver também Meier, “Totalitarianism”.

50. Burleigh, *The Third Reich*, p. 255, escreve que o nazismo “cravou uma sonda em um profundo reservatório de angústia existencial, oferecendo salvação para uma crise ontológica”.

Ele também sugere que as religiões estabelecidas e o fascismo sejam adversários irreconciliáveis — um terceiro elemento do conceito de religião política. Na Alemanha e na Itália, contudo, as religiões e o regime se relacionavam de forma tão complexa, que não excluía a cooperação, unindo forças contra o comunismo, ao mesmo tempo que competiam pelo mesmo território. Enquanto, no caso da Itália, essa situação levou a um *modus vivendi*, ela veio a gerar um “mimetismo destrutivo da Cristandade”,⁵¹ no caso nazista. No extremo oposto, o fascismo conseguiu produzir algo semelhante a um substituto cristão não autorizado nos casos romeno, croata e belga, e também um substituto islâmico, caso aceitemos como fascistas alguns dos movimentos extraeuropeus examinados por mim no capítulo 7.

Os próprios líderes fascistas, como vimos no capítulo 1, chamavam seus movimentos de ideologias, e muitos de seus intérpretes acreditaram neles. É usual ver o fascismo definido por meio das idéias comuns extraídas de seus diversos programas partidários, em analogia com os outros “ismos”. Esse método funciona melhor para os outros “ismos”, fundados numa época em que a política era conduzida por uma elite culta. Tentei sugerir, anteriormente, que a relação do fascismo com as idéias é diferente da dos demais “ismos” do século XIX, e que suas posições intelectuais (não as referentes a paixões mobilizadoras como o ódio racial, é claro) costumavam ser abandonadas ou assumidas de acordo com a necessidade tática do momento. Todos os “ismos” fizeram o mesmo, mas apenas o fascismo tinha tal desprezo pela razão e pelo intelecto que jamais se dava ao trabalho de sequer justificar essas alterações.⁵²

Atualmente, os estudos culturais vêm substituindo a história intelectual como estratégia preferida na elucidação da atração e da eficácia do fascismo.⁵³ Já à época da Segunda Guerra Mundial, o etnógrafo americano Gregory Bateson empregou “o tipo de análise que o antropólogo emprega à

51. Burrin, “Political Religion”, p. 338.

52. Ver capítulo 1, p. 37-45.

53. Para Roger Griffin, “The Reclamation of Fascist Culture”, *European History Quarterly*, p. 31, n. 4, p. 609-20, out. 2001, essa é a “chave” para a compreensão do fascismo. Para alguns dos muitos estudos sobre a cultura fascista, ver o Ensaio Bibliográfico, p. 390-391.

mitologia de um povo primitivo ou moderno” para discriminar os temas e as técnicas do filme de propaganda nazista *Hitler Youth Quex*. Bateson acreditava que “esse filme (...) tem que nos dizer algo sobre a psicologia de seus realizadores, e talvez mais do que eles pretendiam revelar”.⁵⁴ A partir da década de 1970, e cada vez mais, nos dias de hoje, decodificar a cultura das sociedades fascistas por um olhar antropológico ou etnográfico entrou na moda como estratégia intelectual. Essa decodificação mostra de que forma os movimentos e regimes fascistas se apresentavam ao público. O grande problema com os estudos culturais da imaginária e da retórica fascista é que eles, com frequência, não perguntam até que ponto ia sua influência. Essa regra tem exceções importantes, como o estudo de autoria de Luisa Passerini sobre a memória popular do fascismo na cidade italiana de Turim, na década de 1980.⁵⁵ De modo geral, contudo, o estudo da cultura fascista, em si, não consegue explicar de que forma estes adquiriram o poder de controlar a cultura, nem o grau de profundidade da penetração na consciência popular, em competição com os valores religiosos, familiares e comunitários preexistentes, por um lado, e com a cultura popular comercial, por outro.

De qualquer modo, a cultura difere tão profundamente de um ambiente nacional para outro, e de um período para outro, que é difícil encontrar um programa cultural comum a todos os movimentos fascistas, ou a todos os estágios do fascismo. A restauração machista de um patriarcado ameaçado, por exemplo, chega perto de ser um valor fascista universal, mas Mussolini defendeu o sufrágio feminino em seu primeiro programa, e Hitler não mencionou questões de gênero em seus 25 pontos. Uma vez que Mussolini apreciava a arte de vanguarda, pelo menos até a década de 1930, ao passo que Hitler preferia a arte convencional de tipo cartão postal, é pouco provável que possamos identificar um estilo ou uma estética fascista únicos e imutáveis, que se apliquem a todos os casos nacionais.⁵⁶

54. Bateson citado em Eric Rentschler, “Emotional Engineering: Hitler Youth Quex”, em *Modernism/Modernity*, v. 2, p. 3, p. 31, set. 1995.

55. Luisa Passerini, *Fascism in Popular Memory: The Cultural Experience of the Turin Working Class*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

56. Susan Sontag fez uma interessante tentativa de extrair os elementos de uma estética fascista a partir da obra de Leni Riefenstahl: “Fascinating Fascism”, em Sontag, *Under the Sign of Saturn*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1980, porém essa mistura de heroísmo viril, ruralismo e antiintelectualismo pode ser mais bem aplicada à Alemanha.

Um problema dos estudos culturais do fascismo que é mencionado com menor frequência provém de sua incapacidade de traçar comparações. As comparações são essenciais, e revelam que alguns países que contavam com um poderoso preparo cultural (a França, por exemplo) só se tornaram fascistas por meio de conquista (nos casos em que isso aconteceu). O efeito da propaganda também tem que ser comparado com o da mídia comercial, que era nitidamente maior, mesmo nos países fascistas. É bem provável que Hollywood, Beale Street e Madison Avenue tenham criado mais problemas para os sonhos fascistas de controle cultural que a totalidade da oposição liberal e socialista tomadas em conjunto.⁵⁷ O destino desses sonhos ficou claro num dia de 1937, quando Vittorio, o filho mais velho de Mussolini, deu a Romano, seu irmão mais novo, uma fotografia de Duke Ellington, que, mais tarde, já no pós-guerra, acabou levando o garoto a uma carreira de pianista de jazz, bastante bom, por sinal.⁵⁸

No final das contas, nenhuma interpretação do fascismo parece ter conseguido satisfazer a todos de forma conclusiva.

FRONTEIRAS

Não conseguiremos entender bem o fascismo se não traçarmos fronteiras claras entre ele e outras formas superficialmente assemelhadas. Essa é uma tarefa difícil, porque o fascismo foi amplamente imitado, principalmente na década de 1930, quando a Alemanha e a Itália pareciam estar alcançando mais sucesso que as democracias. Características tomadas do fascismo surgiram em lugares distantes de seu lugar de origem européia, como a Bolívia e a China.⁵⁹

57. R. J. B. Bosworth é um dos raros autores a defender esse ponto. Ver *The Italian Dictatorship: Problems and Perspectives in the Interpretation of Mussolini and Fascism*. Londres: Arnold, 1998, p. 159, 162, 179.

58. Murray Kempton, “Mussolini in Concert”, *New York Review of Books*, v. 30, p. 6, p. 33-5, 24 abr. 1983. Para a incapacidade do nazismo de erradicar o jazz da Alemanha, ver Michael H. Kater, *Different Drummers: Jazz in the Culture of Nazi Germany*. Nova York: Oxford University Press, 1992.

59. Para a Bolívia, ver capítulo 7, nota 69. Para a China, ver Payne, *History*, p. 337-8; Marcia H. Chang, *The Chinese Blue Shirt Society: Fascism and Developmental Nationalism*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1985, e Fred Wakeman, Jr., “A

A mais simples dessas fronteiras separa o fascismo da tirania clássica. O socialista moderado exilado, Gaetano Salvemini, tendo abandonado sua cátedra de professor de história em Florença e se mudado para Londres, e em seguida para Harvard, por não suportar ter que ensinar sem dizer o que pensava, apontou a diferença essencial quando se perguntou “por que os italianos sentiram necessidade de se livrar de suas instituições livres” no exato momento em que deveriam estar se orgulhando delas, “podendo dar um passo adiante em direção a uma democracia mais avançada”.⁶⁰ O fascismo, na opinião de Salvemini, significava deixar de lado a democracia e o devido processo legal na vida pública, ao som da aclamação vinda das ruas. É um fenômeno das democracias fracassadas, e o que trouxe de novo foi que, em vez de simplesmente reduzir os cidadãos ao silêncio, como a tirania clássica fazia desde datas remotas, encontrou uma técnica para canalizar suas paixões para a construção de uma unidade doméstica compulsória em torno de projetos de limpeza interna e de expansão externa. Não devemos usar o termo fascismo para as ditaduras pré-democráticas. Por mais cruéis que elas sejam, falta-lhes a manipulação do entusiasmo das massas e a energia demoníaca do fascismo, que vão lado a lado com a missão de “abandonar as instituições livres” em nome da unidade, da pureza e da força nacionais.

É fácil confundir o fascismo com as ditaduras militares, pois ambos os líderes militarizaram suas sociedades e colocaram as guerras de conquista como uma meta central. Armas de fogo⁶¹ e uniformes eram fetiches para

Revisionist View of the Nanjing Decade: Confucian Fascism”, *China Quarterly*, v. 150, p. 395-430, jun. 1997. Wakeman não considera os camisas-azuis autenticamente fascistas. Agradeço a ele pelos conselhos sobre este ponto.

60. Palestras de Gaetano Salvemini em Harvard, publicadas em *Opera de Gaetano Salvemini*, v. VI, *Scritti sul fascismo*, v. I, p. 343.

61. Para as armas como “objeto de amor” dos militantes fascistas, ver Emilio Gentile, *Storia del partito*, p. 498. “Enquanto eu tiver uma caneta em minha mão e um revólver em meu bolso”, disse Mussolini depois de romper com os socialistas em 1914, “não temo a ninguém”. No início dos anos 1920, ele mantinha um revólver e duas granadas em sua escrivaninha. Nos anos 1930, o revólver havia migrado para uma gaveta da escrivaninha de seu luxuoso gabinete no Palazzo Venezia. Pierre Milza, *Mussolini*. Paris: Fayard, 1999, p. 183, 232, 252, 442. Hitler preferia chicotes para cachorros (Kershaw, *Hitler*, v. I, p. 188), mas em 23 de abril de 1942 disse a seus convidados durante o almoço que “o porte

eles. Nos anos 1930, todas as milícias eram uniformizadas (na verdade, as milícias socialistas também o eram, naquela época de camisas coloridas),⁶² e sempre foi objetivo dos fascistas transformar as sociedades em fraternidades armadas. Hitler, recém-empossado como chanceler da Alemanha, cometeu o erro de vestir-se à paisana, trajando casaco impermeável e chapéu civis, quando foi a Veneza, em 14 de junho de 1934, encontrar-se com o já veterano Mussolini, “resplandecente em uniforme e adaga”.⁶³ A partir de então, o *Führer* sempre compareceu uniformizado a cerimônias públicas — às vezes, vestindo um sobretudo marrom e, mais tarde, com frequência, um dólma simples. No entanto, embora todos os fascismos sejam militaristas, nem todas as ditaduras militares são fascistas. A maioria das ditaduras militares atua como simples tirania, sem ousar desencadear a excitação popular do fascismo. As ditaduras militares são muito mais comuns que o fascismo, pois não possuem um vínculo obrigatório com uma democracia fracassada, e são tão antigas quanto os guerreiros.

As fronteiras que separam o fascismo do autoritarismo são mais sutis, embora seja da maior importância compreender essa distinção.⁶⁴ Já empreguei esse termo, ou o termo similar de ditadura tradicional, quando discuti a Espanha, Portugal, a Áustria e a França de Vichy. Essa distinção era particularmente difícil de ser traçada na década de 1930, época em que

de armas contribui para o orgulho e a postura de um homem” (*Hitler's Table Talk*, trad. Norman Cameron e R. H. Stevens. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1953, p. 435).

62. As camisas coloridas vêm da Esquerda, provavelmente dos “Mil” de Garibaldi, os voluntários de camisas-vermelhas que conquistaram a Sicília e Nápolis em defesa de uma Itália liberal e unida, em 1860. O título *Duce* também vinha de Garibaldi.

63. Alan Bullock, *Hitler: A Study in Tyranny*, ed. rev. Londres: Harper & Row, 1962, p. 297.

64. Juan J. Linz fez a clássica análise do autoritarismo como forma distinta de regime: “An Authoritarian Regime: Spain”, em Erik Allardt e Stein Rokkan, eds., *Mass Politics: Studies in Political Sociology*. Nova York: Free Press, 1970, p. 251-83; “From Falange to Movimiento-Organización: The Spanish Single Party and the Franco Regime, 1936-1968”, em Samuel P. Huntington e Clement Moore, eds., *Authoritarian Politics in Modern Societies: The Dynamics of Established One-Party Systems*. Nova York: Basic Books, 1970, e “Totalitarian and Authoritarian Regimes”, em Fred I. Greenstein e Nelson W. Polsby, *Handbook of Political Science*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1975, v. III, esp. p. 264-350.

regimes que na verdade eram autoritários assumiam alguns elementos da cenografia dos regimes fascistas bem-sucedidos. Embora seja comum que os regimes autoritários desrespeitem as liberdades civis e sejam capazes de brutalidade homicida, não compartilham da ânsia fascista de reduzir a zero a esfera privada. Aceitam domínios de espaço privado, mal-definidos, embora reais, para “grupos intermediários”, como as pessoas de renome do país, os cartéis e as associações econômicas, os corpos de oficiais, as famílias e as igrejas. Esses grupos, e não um partido único oficial, são as principais agências de controle social nos regimes autoritários. Os autoritários preferem deixar suas populações desmobilizadas e passivas, ao passo que os fascistas querem engajar e excitar o público.⁶⁵ Os autoritários querem um Estado forte, mas limitado. Hesitam em intervir na economia, coisa que os fascistas estão sempre prontos a fazer, ou em criar programas de bem-estar social. Aferram-se ao *status quo*, sem pretender proclamar um novo caminho.⁶⁶

Não há dúvida de que o general Francisco Franco, por exemplo, que liderou o exército espanhol na revolta contra a República espanhola, em julho de 1936, e se tornou ditador da Espanha em 1939, tomou emprestado de seu aliado Mussolini alguns aspectos de seu regime. Ele chamava a si próprio de o *Caudillo* (líder) e converteu a Falange fascista em partido único. Durante a Segunda Guerra Mundial e a partir de então, os aliados sempre trataram Franco como aliado do Eixo. Essa impressão foi intensi-

65. Aqui a fronteira entre autoritarismo e fascismo torna-se indistinta, pois, na prática, nenhum dos dois consegue o que quer. Diante de um público exaltado, tanto os autoritários quanto os fascistas podem tentar criar uma “solidariedade orgânica” durkheimiana. Ver Paul Brooker, *The Faces of Fraternalism: Nazi Germany, Fascist Italy, and Imperial Japan*. Oxford: Clarendon, 1991. Até mesmo os fascistas podem não ser capazes de conseguir mais do que um consentimento “frágil” e “superficial”. Victoria De Grazia, *The Culture of Consent: Mass Organization of Leisure in Fascist Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p. 20, e cap. 8, “The Limits of Consent”. O estudo mais metuculoso da opinião pública alemã sob o nazismo, “Bavaria program”, de Martin Broszat, concluiu que a população estava insatisfeita, porém atomizada, fragmentada e passiva. Ver Ian Kershaw, *Popular Opinion and Dissent in the Third Reich*. Oxford: Clarendon, 1983, p. 110, 277, 286, 389.

66. Ver a interessante comparação de Javier Tusell Gomez, “Franchismo et fascismo”, em Angelo del Boca et al. *Il regime fascista*, p. 57-92.

ficada pela brutalidade da repressão franquista, que pode ter matado até 200 mil pessoas entre 1939 e 1945; e também pelas tentativas do regime de suspender todos os contatos culturais e econômicos com o mundo exterior.⁶⁷ Em abril de 1945, oficiais espanhóis compareceram a uma cerimônia fúnebre pública em homenagem a Hitler. Um mês mais tarde, entretanto, o *Caudillo* explicou a seus seguidores que “seria necessário recolher algumas das velas [da Falange]”.⁶⁸

A partir de então a Espanha de Franco,⁶⁹ sempre mais católica que fascista, erigiu sua autoridade sobre pilares tradicionais como a Igreja, os grandes proprietários de terras e o exército, conferindo a eles, mais que ao Estado ou à cada vez mais debilitada Falange, o controle da sociedade. O Estado franquista intervinha pouco na economia e pouco tentava regulamentar a vida cotidiana das pessoas, contanto que elas se mantivessem passivas.

O Estado Novo de Portugal⁷⁰ diferia do fascismo ainda mais profundamente que a Espanha de Franco. Salazar, era, de fato, o ditador de Portugal, mas preferia um público passivo e um Estado limitado, onde o poder social permanecia nas mãos da Igreja, do exército e dos grandes proprietários de terras. Em julho de 1934, o dr. Salazar suprimiu um movimento fascista português endógeno, o Nacional Sindicalismo, acusando-o de “levar a juventude à exaltação, de cultivar a força pela chamada ação direta, de adotar o princípio da superioridade do poder político estatal na vida política, de propensão a organizar as massas sob um líder político”, o que é uma definição bastante razoável do fascismo.⁷¹

67. Michael Richards, *A Time of Silence: Civil War and the Culture of Repression in Franco's Spain, 1936-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, mostra como a austeridade econômica e cultural se encaixa com a repressão interna. O número estimado de mortos aparece na p. 30. Paul Preston, *Franco*. Nova York: Basic Books, 1994, faz sua acusação de fascismo de maneira diferente, enfatizando as íntimas relações de Franco com o Eixo, pelo menos até 1942.

68. O estudo indispensável sobre a Falange é Stanley G. Payne, *Fascism in Spain, 1923-1977*. Madison: University of Wisconsin Press, 1999 (citação na p. 401).

69. Ver capítulo 6, p. 251-253.

70. Ver capítulo 6, p. 252-253.

71. Citado em Stanley Payne, *History*, p. 315. Gregory J. Kasza, “Fascism from Above? Japan's *Kakushin* Right in Comparative Perspective,” em Stein Ugelvik Larsen, *Fascism*

Na França de Vichy, o regime que veio a substituir a República Parlamentar após a derrota de 1940,⁷² certamente não era fascista ao início, pois não tinha nem partido único nem organizações paralelas. Um sistema de governo no qual o tradicionalmente seletivo serviço público francês administrava o Estado, conferindo papéis de maior relevo aos militares, à Igreja, aos técnicos especializados e às elites econômicas e sociais estabelecidas, se enquadra claramente na categoria de autoritário. Após a invasão alemã da União Soviética, em junho de 1941, ter colocado o Partido Comunista Francês em franca oposição ao regime, obrigando a ocupação alemã a se tornar muito mais severa a fim de dar sustentação à guerra total, Vichy, com sua política de colaboração com a Alemanha nazista, passou a enfrentar um antagonismo crescente. As organizações paralelas surgiram na luta contra a Resistência: a *Milice*, ou polícia suplementar; “varas especiais” nos tribunais para julgamentos rápidos dos dissidentes, a Polícia para Assuntos Judeus. Mesmo que alguns fascistas de Paris tenham recebido cargos importantes nos últimos dias do regime de Vichy, como vimos no capítulo 4, eles serviram como indivíduos, e não como chefes de um partido único oficial.

O QUE É O FASCISMO?

Chegou o momento de dar ao fascismo uma definição precisa e utilizável, embora saibamos que uma definição não consiga descrever seu objeto de forma melhor que uma fotografia instantânea descreve uma pessoa.

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular

Outside Europe (Boulder, CO: Social Science Monographs, 2001), p. 223-32, a partir do exemplo japonês, propõe uma categoria distinta de regimes de partido único que eliminam os movimentos fascistas ao mesmo tempo em que adotam seus recursos, como os movimentos de juventude e a economia corporativista, ficando assim entre o conservadorismo tradicional e o fascismo. Seus exemplos são Japão, Portugal, Polônia em 1939, Estônia e Lituânia. Também seria possível acrescentar o Brasil de Vargas.

72. Ver p. 351-354, deste capítulo.

formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza.

É claro que o comportamento político pressupõe escolhas, e as escolhas — como meus críticos se apressam a afirmar — nos trazem de volta às idéias fundamentais. Hitler e Mussolini, desprezando o “materialismo” do socialismo e do liberalismo, afirmavam insistentemente que as idéias eram de importância central em seus movimentos. Não é verdade, retrucavam muitos antifascistas, que se recusavam a conferir a eles tamanha dignidade. “A ideologia nacional-socialista muda constantemente”, observou Franz Neumann. “Ela possui algumas crenças mágicas — adoração do líder, supremacia da raça-mestra — que, entretanto, não são formuladas numa série de pronunciamentos dogmáticos e categóricos”.⁷³ Quanto a esse particular, este livro tende a concordar com a posição de Neumann e, no capítulo 1, examinei de modo razoavelmente longo a peculiar relação do fascismo com sua ideologia que, ao mesmo tempo em que era proclamada como de importância central, era incessantemente modificada ou violada, conforme a conveniência do momento.⁷⁴ No entanto, eles sabiam o que queriam. Não se pode banir as idéias do estudo do fascismo, embora seja possível situá-las de forma precisa no contexto da totalidade dos fatores que influenciam esse complexo fenômeno. Podemos, portanto, evitar ambos os extremos: o fascismo não consistia nem da aplicação direta de seu programa nem de oportunismo desmedido.

Creio que a melhor maneira de deduzir as idéias subjacentes às ações fascistas é a partir dessas próprias ações, uma vez que algumas delas perma-

73. Franz Neumann, *Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism, 1933-1944*. 2. ed. Nova York: Oxford University Press, 1944, p. 39. O ceticismo acerca da ideologia fascista não se limita à esquerda. Ver a famosa denúncia do ex-presidente nazista do senado de Danzig, Hermann Rauschning, *Revolution of Nihilism*. Nova York: Alliance/Longman's Green, 1939. Ver, também, os comentários de Hannah Arendt citados no capítulo 2, p. 74-75.

74. Ver capítulo 1, p. 37-45.

necem imanifestas e implícitas na linguagem pública destes. Muitas delas pertencem mais ao domínio dos sentimentos viscerais que ao das proposições racionais. No capítulo 2, chamei-as de "paixões mobilizadoras":

- um senso de crise catastrófica, além do alcance das soluções tradicionais;
- a primazia do grupo, perante o qual todos têm deveres superiores a qualquer direito, sejam eles individuais ou universais, e a subordinação do indivíduo a esses deveres;
- a crença de que o próprio grupo é vítima, sentimento esse que justifica qualquer ação, sem limites jurídicos ou morais, contra seus inimigos, tanto internos quanto externos;
- o pavor à decadência do grupo sob a influência corrosiva do liberalismo individualista, dos conflitos de classe e das influências estrangeiras;
- a necessidade de uma integração mais estreita no interior de uma comunidade mais pura, por consentimento, se possível, pela violência excludente, se necessário;
- a necessidade da autoridade de chefes naturais (sempre de sexo masculino), culminando num comandante nacional, o único capaz de encarnar o destino histórico do grupo;
- a superioridade dos instintos do líder sobre a razão abstrata e universal;
- a beleza da violência e a eficácia da vontade, sempre que voltadas para o êxito do grupo;
- o direito do povo eleito de dominar os demais, sem restrições provenientes de qualquer tipo de lei humana ou divina, o direito sendo decidido por meio do critério único das proezas do grupo no interior de uma luta darwiniana.

|| O fascismo, segundo essa definição, ainda é visível nos dias de hoje, como também o são os comportamentos coerentes com esses sentimentos. O fascismo, no nível do Estágio 1, existe em todos os países democráticos, sem excluir os Estados Unidos. "O abandono das liberdades democráticas" especialmente as liberdades dos grupos impopulares, é uma tentação recorrente para os cidadãos das democracias ocidentais, incluindo alguns americanos. Sabemos, após rastrear sua trajetória, que, para se tornar enraizado, o fascismo não necessita de uma "marcha" de dimensões espetacu-

lares sobre alguma capital. Ao que tudo indica, decisões anódinas de tolerar o tratamento ilegal dos inimigos nacionais são o bastante. Algo muito próximo ao fascismo clássico alcançou o Estágio 2 em algumas poucas sociedades que passavam por crises profundas. No entanto, não é inevitável que progrida além desse ponto. O avanço em direção ao poder depende, em parte, da severidade da crise, mas também, em grande medida, de decisões humanas, especialmente as decisões que partem dos detentores do poder econômico, social e político. Não é fácil determinar as reações corretas ao avanço fascista, uma vez que seu ciclo não tende a se replicar de maneira cega. No entanto, nossas chances de reagir de forma sensata serão muito maiores se compreendermos de que forma ele veio a alcançar êxito no passado. ||